



Ministério da Educação
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares
Centro de Formação Continuada de Professores
Secretaria de Educação do Distrito Federal
Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação
Curso de Especialização em Gestão Escolar

O USO DO TABLET COMO FERRAMENTA DE APOIO A INCLUSÃO E ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS

Andréia Nascimento Bezerra de Abreu Nunes

Professor-orientador Mestre Pedro Ferreira de Andrade
Professor monitor-orientador Doutor Elias Batista dos Santos

Brasília 26, de Julho de 2014.

Andréia Nascimento Bezerra de Abreu Nunes

**O USO DO TABLET COMO FERRAMENTA DE APOIO A INCLUSÃO
E ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS**

Monografia apresentada para a banca examinadora do Curso de Especialização em Gestão Escolar como exigência parcial para a obtenção do grau de Especialista em Gestão Escolar sob orientação do Professor-orientador MSc. Pedro Ferreira de Andrade e do Professor monitor-orientador Dr. Elias Batista dos Santos.

TERMO DE APROVAÇÃO

Andréia Nascimento Bezerra de Abreu Nunes

O USO DO TABLET COMO FERRAMENTA DE APOIO A INCLUSÃO E ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS

Prof. MSc. Pedro Ferreira de Andrade
FE/UnB
(Professor-orientador)

Professor Dr. Elias Batista dos Santos
SEEDF
(Monitor-orientador)

Profa. MSc. Alessandra Lisboa da Silva – UnB
(Examinadora externa)

Brasília, 26 de Julho de 2014.

Dedico esse trabalho a minha família, meus filhos Igor, Tiago e Gabriela e ao meu marido Luciano, que são os grandes motivadores para a busca do meu crescimento.

Agradeço a DEUS por ter me dado perseverança e por ter tido a oportunidade em concluir mais uma etapa de minha jornada. Agradeço a minha família e amigos pela força e incentivo, principalmente minha amiga Selma Regina que esteve ao meu lado me motivando e entendendo todos os momentos vividos. Obrigada professor Elias Batista dos Santos pela paciência e dedicação.

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.”

Paulo Freire

RESUMO

Esta pesquisa foi realizada em uma Escola Pública da Rede de Ensino do Distrito Federal referencia em inclusão de alunos autistas e que atende tanto classes de ensino especial quanto turmas de integração inversa. O objetivo desse trabalho foi investigar o uso do tablet como ferramenta de auxílio no processo de inclusão e alfabetização em turma de primeiro ano do ensino fundamental, integração inversa, em virtude das dificuldades de se incluir alunos autistas. Muitas vezes esse processo de inclusão não dá certo frustrando professores, pais e alunos. O trabalho teve como objetivo geral analisar como elaborar um planejamento voltado para o uso do tablet como uma ferramenta facilitadora no processo de ensino aprendizagem. Optou-se por uma pesquisa qualitativa, ou seja, uma pesquisa onde haverá a descrição de informações coletadas ao longo do estudo. Foi elaborado um planejamento, foram feitas observações na turma além de questionários aplicados aos demais professores. As análises indicaram que o tablet pode auxiliar muito nesse processo, porém a falta de recursos e capacitação dos profissionais dificulta muito todo esse trabalho.

Palavras-chave: Tablet; Inclusão; Alfabetização.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Você tem acesso ao uso do tablet na escola em que trabalha?(produção própria).....	26
Gráfico 2: Você sabe usar os recursos disponíveis em um tablet?.....	27
Gráfico 3: Você usa o tablet no contexto de suas aulas?.....	28

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
Objetivo Geral	14
Objetivo Específico	14
CAPÍTULO 1: REFERENCIAL TEÓRICO	15
1.1Inclusão	15
1.2Educação Inclusiva	16
1.3TGD Transtorno global do desenvolvimento (TGD) ou Distúrbio Abrangente do Desenvolvimento	17
1.4 O Atendimento de TGD no DF	19
1.5 O que é Tecnologia da Informação?	20
1.6 Como as tecnologias da informação podem ajudar no processo de inclusão.20	
1.7 Principais Características do Trabalho Pedagógico	22
CAPITULO 2: METODOLOGIA.....	24
CAPÍTULO 3: COLETA DE DADOS	25
3.1 Instrumentos e Procedimentos.....	25
3.2 Análise dos Questionários e Observações	25
CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS	38
APÊNDICE	40

INTRODUÇÃO

A Escola Classe Pública X¹ é uma das escolas integrante da Secretaria de Educação do Distrito Federal localizada na zona urbana pertencente a Diretoria Regional de Ensino – Plano Piloto/Cruzeiro funcionando nos turnos matutino e vespertino, ofertando ensino fundamental séries iniciais 1º ao 5º ano e ensino especial – nível de alfabetização.

A escola também oferece a educação integral. A instituição foi inaugurada em 26 de junho de 1963, completado o jubileu, 50 anos de existência. Essa é uma escola referência no atendimento de alunos TGD (Transtorno Global do Desenvolvimento), modalidade autista. A comunidade escolar que a compõe é oriunda das cidades satélites diversas, pois os pais trabalham nas proximidades da escola. Atualmente existem sete Classes Especiais, cada uma com dois alunos e onze turmas de ensino regular, sendo cinco de integração inversa, as quais tem alunos autistas TDAH (Transtorno Déficit Atenção Hiperatividade) e DPAC (Distúrbio Processamento Auditivo Central). Desses alunos, os autistas são atendidos pela sala de recursos de uma a duas vezes por semana no horário da aula e os TDAH E DPAC pela sala de apoio. Todas as turmas da escola têm atendimento na Escola Parque uma vez por semana, inclusive as classes especiais acompanhadas de seus respectivos professores. Os alunos também são atendidos pela escola integral cinco vezes por semana no turno contrário, ressaltando que os alunos TGD não são atendidos. Fica a observação de que o atendimento na escola integral é precário e sofre com a falta de estrutura adequada, como a falta de espaço físico e mão de obra especializada.

A estrutura física da instituição é composta por oito salas de aula ,cinco banheiros para alunos incluindo um para deficiente, dois banheiros para professores, uma sala de professores, uma copa para professores, uma sala de orientação educacional, uma dispensa para armazenar a merenda escolar, uma sala para direção, uma sala de apoio a direção, uma secretaria, uma biblioteca, uma sala para

¹ Nome Fictício.

servidores, uma cozinha, um refeitório, uma sala de recursos, uma sala de apoio aprendizagem, pátio e área externa.

Segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP) a Escola Classe Pública X tem como missão assegurar a educação integral do aluno, buscando a formação de cidadãos críticos e participantes, capazes de interagir positivamente na transformação da sociedade, proporcionando também aos alunos portadores de necessidades especiais um ambiente propício para se desenvolver de forma global, com condições de crescimento psicopedagógico, afetivo e cognitivo, respeitando e valorizando suas especificidades e habilidades. A escola tem sua existência voltada para a valorização do ser humano em sua forma global.

A instituição tem o PPP como o seu eixo norteador, trabalhando com projetos que são planejados pelo grupo de professores juntamente com a coordenação pedagógica. Com o objetivo de aumentar o IDEB/IDDF (Índice de Desenvolvimento Educação Básica/ Índice de Desenvolvimento do Distrito Federal) deste estabelecimento de ensino, toda a equipe tem buscado novas estratégias, planejando a implementação de ações que contribuirão para elevar o índice de desempenho individual de aprovação e a qualidade geral da escola.

Problema de Pesquisa

Percebe-se uma dificuldade de se trabalhar em sala de aula com os recursos tradicionais, não conseguindo atingir os objetivos previstos com alunos portadores de TGD. Surgiu então a necessidade de se inovar para poder atingir e ampliar a zona de interesse desses alunos.

Foi pensado então fazer um trabalho de orientação por meio do planejamento de aulas para os professores da SEDF (Secretaria de Educação do Distrito Federal) utilizando inclusão digital como facilitador do processo de interação entre o aluno especial e o ensino regular. É um desafio que pode ajudar a melhorar o ambiente educacional preparando os professores para lidar com novas tecnologias tornando a aprendizagem mais significativa.

Foi pensado então em como objetivo geral desenvolver um planejamento específico com professores da escola em que a inclusão digital seja utilizada como

facilitador do processo de interação entre o aluno especial e o ensino regular no processo de alfabetização.

Diante da dificuldade de trabalhar conteúdos específicos com alunos TGD pela sua falta de concentração e linguagem e sendo enquadrados a um sistema educacional tradicional, além da sua dificuldade cognitiva de abstrair conteúdos. Percebe-se que, na instituição prevalece um modelo tradicional de ensino em que o aluno tem que se adequar ao sistema, e os recursos utilizados são na maioria das vezes desconectados com a realidade do estudante, o que favorece a dispersão e tornam processo cansativo e ineficiente. Nesse contexto, uma criança com dificuldade de aprendizagem facilmente se desestimula podendo até haver uma evasão escolar.

No caso específico de um aluno considerado portador de TGD, com base nas conversas informais com docentes que lidam com esse transtorno, o aluno tem dificuldades para ficar sentado, participar das atividades propostas, apresenta baixa tolerância as frustrações. Tudo isso, se constitui como mais um complicador para a permanência do aluno na escola.

Sendo assim, abordaremos tópicos que envolvem todo esse processo falaremos de inclusão, educação inclusiva, TGD Transtorno Global do Desenvolvimento ou Distúrbio Abrangente do Desenvolvimento, o atendimento de TGD no DF, o que é tecnologia da informação e como a tecnologia da informação pode ajudar no processo de inclusão, as principais características do trabalho pedagógico, faremos uma metodologia, coletaremos dados e faremos a análise chegando as conclusões finais do trabalho.

Objetivo Geral

Esse trabalho tem como objetivo geral analisar a potencialidade do uso do tablete como ferramenta facilitadora do processo de interação entre o aluno especial e o ensino regular no processo de alfabetização.

Objetivo Específico

- Observar como os alunos interagem com este recurso tecnológico sendo utilizado em sala de aula facilitando o processo de interação entre a turma no processo de alfabetização;

- Descrever a relevância desse recurso no processo de inclusão e pedagogicamente;

- Identificar as tecnologias que estão disponíveis para serem utilizadas no contexto da escola pesquisada na alfabetização;

Para isso foi preciso compreender um pouco de inclusão, educação inclusiva, Transtorno Global do Desenvolvimento, o atendimento de TGD na rede pública do DF, tecnologia da informação, como a tecnologia da informação pode ajudar no processo de inclusão e as principais características do trabalho pedagógico. Além de um questionário que foi aplicado aos professores da escola e o relatório das observações realizadas e as devidas conclusões.

CAPÍTULO 1: REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Inclusão

Início da inclusão no Brasil é mais antiga do que se imagina. O atendimento às pessoas com deficiência teve início na época do império, quando foram fundadas instituições especializadas em atendimento especial. A partir dos anos 1960, o atendimento educacional às crianças especiais passa ser fundamentado pelas disposições da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 4.024/61.

Inclusão é o ato de estar junto, de partilhar conhecimentos e hábitos no meio comum. É saber conviver sem segregação, estando todos juntos cada um com suas particularidades. Pois a inclusão não acontece somente com pessoas portadoras de alguma deficiência mais sim com todos, pois todos sempre temos algo diferente para compartilhar. O ato de compartilhar e de se adequar podemos chamar de inclusão. Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizarem-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos. (MEC/SEESP, 2001).

Para que a inclusão ocorra é preciso preparação e qualificação para que tenhamos uma educação de qualidade. Cada dia mais e mais crianças são inseridas em nossas escolas precisando de atendimento diferenciado, com adaptações que atendam as suas características particulares, principalmente alunos portadores de TGD que possuem comportamentos diferenciados e apresentam peculiaridades na sua socialização.

Por isso precisamos ressaltar a importância da qualificação profissional do professor, pois esse é o ponto inicial e fundamental para a inserção desses estudantes no sistema regular de ensino, o despreparo do professor pode levar esse processo ao fracasso.

Em nome de princípios democráticos que pregam educação para todos, o que se observa hoje na rede de ensino são inúmeros profissionais transtornados pela falta de preparo onde uma tarefa que lhes parece hercúlea, e também mergulhados

em dúvidas, ansiedades e incertezas sobre como viabilizar a concretização de tal proposta (Bastos,2005,p.135).

Em 2004, o Ministério Público Federal publica o documento “O Acesso de Alunos com Deficiência às Escolas e Classes Comuns da Rede Regular”, com o objetivo de disseminar os conceitos e diretrizes mundiais para a inclusão, reafirmando o direito e os benefícios da escolarização de alunos com e sem deficiência nas turmas comuns do ensino regular. Daí então se tornou obrigatória a aceitação de alunos especiais em classes comuns facilitando e dando qualidade de vida a esses estudantes e suas famílias.

A Resolução 02/2001 do Conselho Nacional de Educação define no seu Art. 5º que são considerados educando com necessidades educacionais especiais os que, durante o processo educacional, apresentarem:

I - dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento que dificultem o acompanhamento das atividades curriculares, compreendidas em dois grupos:

a) aquelas não vinculadas a uma causa orgânica específica;

b) aquelas relacionadas a condições, disfunções, limitações ou deficiências;

II – dificuldades de comunicação e sinalização diferenciadas dos demais alunos, demandando a utilização de linguagens e códigos aplicáveis;

III - altas habilidades/superdotação, grande facilidade de aprendizagem que os leve a dominar rapidamente conceitos, procedimentos e atitudes. (RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 2, DE 11 DE SETEMBRO DE 2001).

Por isso, é necessário um trabalho contínuo para que o docente acolha bem qualquer um desses cidadãos. Como dissemos no início, esse trabalho se ocupa com os discentes diagnosticados como TGD, então, mais adiante veremos um pouco mais sobre o que significa TGD.

1.2.Educação Inclusiva

A educação inclusiva vem em um sentido de transformação, de mudanças de conceitos e comportamentos tanto na educação como na sociedade como um todo. A educação inclusiva não acontece somente dentro das escolas pedagogicamente, mais sim de uma reeducação social onde todos sejam respeitados em suas individualidades mentais, sociais, culturais e etc.

Para que se tenha uma educação inclusiva dentro das escolas é preciso atender a alguns requisitos pré-estabelecidos como:

- Reconhece que todas as crianças podem aprender;
- Reconhece e respeita diferenças nas crianças: idade, sexo, etnia, língua, deficiência/inabilidade, classe social, estado de saúde (i.e.HIV, TB, hemofilia, hidrocefalia ou qualquer outra condição);
- Permite que as estruturas, sistemas e metodologias de ensino atendam as necessidades de todas as crianças;
- Faz parte de uma estratégia mais abrangente de promover uma sociedade inclusiva;
- É um processo dinâmico que está em evolução constante;
- Não deve ser restrito ou limitado por salas de aula numerosas nem por falta de recursos materiais.

1.3TGD Transtorno global do desenvolvimento (TGD) ou Distúrbio Abrangente do Desenvolvimento

De acordo com Diretoria de Ensino Especial (DEE) da SEDF, são usados indicadores criados para facilitar a identificação e a avaliação do grau de severidade do aluno portador de TGD.TGD é uma categoria que engloba cinco transtornos caracterizados por atraso simultâneo no desenvolvimento de funções básicas, incluindo socialização e comunicação. Os transtornos globais do desenvolvimento segundo a cartilha do MEC são:

- Autismo
- Síndrome de Rett;
- Transtorno ou Síndrome de Asperger;
- Transtorno Desintegrativo da infância;
- Transtorno Global do Desenvolvimento sem outra especificação.

O termo TGD foi proposto na tentativa de se evitar rótulos de desqualificação da pessoa a quem eles eram atribuídos. Esse termo tem o propósito de designar as

peças que apresentam problemas de natureza emocional, social, ou comportamental. Segundo o Ministério da Educação e Cultura e Secretaria de Educação Especial são:

Manifestações comportamentais típicas de portadores de síndromes e quadros psicológicos, neurológicos ou psiquiátricos que ocasionam atrasos no desenvolvimento da pessoa e prejuízos no relacionamento social, em grau que requeira atendimento educacional especializado". (MEC-SEESP, 1994, p.7-8).

Os pais podem perceber os sintomas de PDD desde a primeira infância, ocorrendo as primeiras manifestações tipicamente antes dos três anos. Em geral, o PDD por si só não afeta a expectativa de vida.

O autismo é uma disfunção que faz parte do grupo de síndromes conhecido como transtorno global do desenvolvimento (TGD) ou transtorno invasivo do desenvolvimento (PDD). Manifesta-se por alterações que afetam a capacidade de comunicação da pessoa, que apresenta dificuldade de estabelecer relacionamentos e de responder apropriadamente ao meio ambiente. Alguns autistas parecem fechados e distantes, enquanto outros se mostram presos a comportamentos restritos.

Os Autistas apresentam uma incapacidade que afeta as habilidades de relacionamento social e de comunicação. Existe uma estatística de que a cada 500 crianças nascidas uma é autista. O Comportamento referente ao aluno com TGD é diversificado e variado em alguns aspectos. Apresentam dificuldades ou até se recusam em seguir regras e normas estabelecidas. Apresentam dificuldades de relação com os colegas e professores. Tem ausência ou pouco contato visual. Alguns apresentam movimentos contínuos e repetitivos, recusa em verbalizar e timidez excessiva. Os portadores de Transtornos Globais do Desenvolvimento têm como identificador o CID 10, versão 2008, com o código F84 para Transtornos globais do desenvolvimento, onde são classificados como: grupo de transtornos caracterizados por alterações qualitativas das interações sociais recíprocas e modalidades de comunicação e por um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Estas anomalias qualitativas constituem uma característica global do funcionamento do sujeito, em todas as ocasiões.

Síndrome de Asperger é uma modalidade de autismo. Ela foi identificada nos anos 1940 pelos médicos Leo Kanner e Hans Asperger. Seu diagnóstico é difícil e por isso depende das características que são mais comuns ao autismo. Nem toda criança que apresente alguns dos sintomas do autismo significa que tenha a doença. Assim, os autistas são reconhecidos pelas suas características, que podem se apresentar em conjunto ou isoladamente. O autista tem uma incapacidade normal de relacionamento, visualiza o mundo, de outro jeito e possui uma percepção literal dos fatos. Sua lógica em entender as situações e pessoas é diferente da forma como as pessoas veem e compreendem as situações. O Asperger geralmente tem a letra feia, é hipersensível, desajeitado, apresenta ansiedade, gosta de resolver problemas e tem dificuldade de expressar as emoções. Outras características do Asperger são muito semelhantes às características de um autista, e essas características já foram detalhadas anteriormente.(GRINKER, 2010, p. 67-68; KLIN, 2006; TAMANAHA; PERISSINOTO, 2008)

1.4 O Atendimento de TGD no DF

De acordo com recomendação da legislação em vigor e das normas da Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal (SEDF) o atendimento desses alunos especiais pela SEEDF se dá seguinte maneira:

a) Nas Instituições Educacionais que oferecem as etapas/modalidades da Educação Básica, os estudantes com deficiência, Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD) e altas habilidades/superdotação serão atendidos em seis tipos de turmas e em conformidade com as Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica para o desenvolvimento do Currículo da Base Nacional Comum, com as devidas adequações curriculares, visando a atender as necessidades dos estudantes.

a.1) CLASSE COMUM: Constituída por estudantes com ou sem deficiências, Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD) e altas habilidades/superdotação, conforme modulação para cada etapa de ensino.

a.2) INTEGRAÇÃO INVERSA: O aluno poderá permanecer em turma de integração inversa pelo período em que dela necessitar, conforme previsto no Estudo de Caso/Adequação Curricular, visto não se tratar de necessidade transitória.

a.2.1) Os estudantes com deficiência visual cegos ou surdocegos, encaminhados pelo Centro de Ensino Especial para Deficientes Visuais (CEEDV) serão atendidos em turmas de Integração Inversa, com modulação específica. Deverão ser considerados também os laudos médicos de visão monocular, onde há a perda progressiva de visão do outro olho funcional.

a.3) CLASSE ESPECIAL: Classe constituída exclusivamente por estudantes com Deficiência Intelectual (DI) ou Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD), com modulação específica.

1.5 O que é Tecnologia da Informação?

Podemos dizer que a Tecnologia da Informação são recursos tecnológicos e computacionais para geração e uso da informação de maneira estruturada. Esse conceito enquadra-se na visão de gestão da Tecnologia da informação e do conhecimento. Outro conceito de Tecnologia da informação pode ser todo e qualquer dispositivo que tenha capacidade para tratar dados e ou informações, tanto de forma sistêmica como esporádica, quer esteja aplicada ao produto, quer esteja aplicada no processo (CRUZ, 1998).

1.6 Como as tecnologias da informação podem ajudar no processo de inclusão.

As crianças portadoras de TGD necessitam de estímulos constantes, e esses estímulos precisam fazer parte da zona de interesse deles para que tenha significado. Daí então a necessidade de usar recursos diferenciados em sala de aula.

As TICs entram como recursos diferenciados aumentando a concentração e a participação nas atividades desses alunos, e como consequência, facilitará o desempenho escolar.

Com esses recursos os alunos TGD poderão ter acesso as mesmas oportunidades que os demais alunos, desenvolvendo sua autonomia e suas habilidades específicas, como por exemplo o desenvolvimento da linguagem oral e a interação social. Segundo Teodoro e Freitas (1992, p. 28), as TIC permitem disponibilizar ferramentas que ajudam a deslocar o centro do processo ensino/aprendizagem para o aluno, favorecendo a sua autonomia e enriquecendo o ambiente onde a mesma se desenvolve. Permitem a exploração de situações, que de outra forma seria muito difícil realizar.

Possibilitam ainda a professores e alunos a utilização de recursos poderosos, bem como a produção de materiais de qualidade superior aos convencionais. Podem, ainda, facilitar a manipulação de objetos, contribuir para a participação ativa e mais bem sucedida em atividades de literatura, através de software educativo adequado às necessidades de aprendizagem de cada um.

Para isso precisamos preparar o corpo docente da instituição para trabalhar usando essas ferramentas em seu favor e em favor dos alunos, facilitando com isso o processo de inclusão e aprendizado dos alunos portadores de TGD.

Eis a pergunta, como preparar o corpo docente para esse trabalho? Existem ferramentas disponíveis para isso? Como usa-las? Primeiramente o professor precisa ser conscientizado sobre a necessidade se se usar tais ferramentas em sala de aula e que elas não são somente de apoio, mais sim um material que vem se tornando essencial no processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, Moraes (2002, p. 125) reforça que o tempo presente indica que há sinais evidentes de um novo ciclo com traços e características cada vez mais globalizados. É um mundo que vem se tornando grande e pequeno, homogêneo e plural, articulado e multiplicado mediante o uso de recursos de voz, de dados, de imagens e de textos cada vez mais interativos.

É preciso que se tenha mais políticas públicas voltadas para o uso de tecnologias nas escola e a conscientização dos professores para o seu uso.

Precisamos também demais programas voltados para professores e acesso facilitado a eles, e que façam parte do currículo escolar. Seria preciso cursos

específicos para professores que atuam com alunos especiais em classes especiais e de integração inversa para que essas ferramentas seja aproveitadas da melhor forma possível. Segundo Masetto (2006, p.144), haverá necessidade de se variar estratégias tanto para motivar o aprendiz como para responder aos diferentes ritmos e formas de aprendizagem, pois nem todos aprendem do mesmo modo nem no mesmo tempo.”

No mercado já existem diversas ferramentas disponíveis tanto para a formação de professores quanto para o uso em sala de aula possibilitando o trabalho dos docentes. Só é necessário que o governo junto com os gestores possibilite o uso desses recursos.

1.7 Principais Características do Trabalho Pedagógico

Para uma boa prática pedagógica, Galveia apud Estrela et al. (2002) cita alguns pontos que podem norteá-la: deve analisar as situações reais da atividade profissional; ser orientada ao desenvolvimento de competência técnica; auxiliar quanto à autonomia do professor; focar atividade do professor, além da sala de aula, observando os contextos em que esta pode desenvolver-se; valorizar o trabalho em equipe; deve fazer uma ponte entre os saberes já adquiridos e os questionamentos que surgem no decorrer da ação.

Sendo assim podemos perceber que a prática pedagógica vai além da prática em si, ela está aliada a teoria, o professor necessita de estar sempre se atualizando e testado sempre novas maneiras de ensinar.

Um bom planejamento é essencial para o sucesso pedagógico de um educador. E mesmo que o planejamento não venha a ser concluído já houve aprendizagem de alguma forma. O professor induz situações que de acordo com a realidade do estudante, agrega conhecimentos de todas as formas e não somente conhecimentos relacionados a conteúdo, mais relacionados a toda a sua existência social. Quanto ao papel do professor, Ferreira (2010) lembra que:

O professor precisa se constituir no profissional reflexivo e da reflexão na ação, tendo a reflexão como fundamento de suas práticas, considerando-se que aquilo que o professor pensa sobre

educação determina o que o professor faz em suas práticas pedagógicas.

A prática pedagógica é vista de várias formas, cada autor tem um conceito de acordo com o seu conhecimento, cada educador aquilo que corresponde as suas necessidades e de seus estudantes, que contribui no processo de ensino-aprendizagem.

Resumindo as várias definições, entende-se por prática pedagógica as diversas formas em que os educadores planejam suas rotinas em sala de aula fazendo uma correlação entre teoria e prática de acordo com suas experiências vivenciadas em sala de aula, além de adaptação ao contexto de cada turma, que proporciona realidades diferentes, fazendo com que o educador busque respostas frente aos desafios.

CAPITULO 2: METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada em uma escola pública da SEDF (Secretaria de Educação do Distrito Federal), Escola Classe Pública X, uma escola que possui: Classes Especiais exclusivas para estudantes com deficiência e TGD; Classes de Integração Inversa classe comum para estudantes com deficiência e/ou TGD com redução significativa no número de alunos; e Classes Comuns constituídas para estudantes com ou sem deficiência/TGD sem redução no número de alunos. Por causa dessa diversidade existe uma dificuldade em se trabalhar com o uso de ferramentas tecnológicas, principalmente o tablet, em sala de aula. O intuito dessa pesquisa é mostrar para o grupo de professores como o tablete pode ser usado como um facilitador da aprendizagem.

O estudo foi realizado com alunos de uma turma de Integração Inversa de 1º ano do ensino fundamental que possui dois alunos portadores de Transtorno Global do Desenvolvimento, Autistas que estão em processo de alfabetização. A escolha dessa turma foi devido a ser a única turma de primeiro ano na escola de Integração Inversa e a professora regente topou participar desse estudo, entretanto, para ajudar na interpretação, os questionários também serão aplicados aos demais professores da escola que trabalham em turmas de Integração Inversa e que se disponibilizarem a responder.

Em função dos objetivos essa investigação assumiu características de uma pesquisa qualitativa, ou seja, uma pesquisa onde houve a descrição de informações coletadas ao longo do estudo. Essas as informações foram descritas por meio de observações feitas em sala de aula com os alunos utilizando o material proposto pela pesquisa. O desenvolvimento do aluno foi avaliado e descrito na pesquisa além do seu entendimento dos conteúdos aplicados, se houve ganho de conhecimento e se o aluno ficou feliz e concentrado ao utilizar o tablet. Para que isso aconteça foram elaboradas atividades diferenciadas voltadas para a pesquisa, além de questionário e conversas respondidas pela professora regente da turma.

CAPÍTULO 3: COLETA DE DADOS

3.1 Instrumentos e Procedimentos

Foram feitas observações sistemáticas e com objetivos de perceber e descrever as dificuldades do professor regente em atuar em uma turma de alfabetização que tenha alunos autistas, além disso, foram acompanhados os momentos em que a turma fez uso do tablet como ferramenta para auxílio da aprendizagem. No decorrer das aulas serão feitos registros descritivos dos procedimentos utilizados em sala de aula, da reação dos alunos e da professora com tais procedimentos.

Os questionários abordaram a questão do uso, da aceitação e da acessibilidade do professor ao o uso do tablet. As possíveis dificuldades serão observadas no decorrer da utilização do tablet com o professor e alunos em sala de aula. Assim, o que se quis investigar é o contexto de sala de aula e o que pode ser feito para melhorar o atendimento a esses alunos, ou seja, de que forma é possível a utilização das TIC's a nosso favor, como um facilitador no processo de inclusão e alfabetização.

Utilizamos os tablets cedidos pelas famílias, com aplicativos voltados para alfabetização e para o estímulo da comunicação entre os estudantes. Segundo Vadasz (2013) o uso do tablet pode melhorar o tempo de concentração e o desenvolvimento cognitivo dessas crianças, já que é uma ferramenta que chama muita atenção deles, mostrando para os professores de que forma esse recurso pode ser adotado em seu planejamento.

3.2 Análise dos Questionários e Observações

Essa etapa vem analisar as respostas do questionário de pesquisa qualitativa, onde foram elaboradas 10 questões que foram lançadas abaixo, com seus gráficos correspondentes e mais o relatório da observação proposta no trabalho. Foram

aplicados 15 questionários, porém só 11 concluíram, e a observação foi realizada em uma turma de integração inversa de primeiro ano. As perguntas foram elaboradas de acordo com o tema proposto visando perceber de forma clara como vem sendo utilizado o tablet em sala de aula, e de que forma essa ferramenta pode ajudar na inclusão e alfabetização de alunos TGD.

Questionário

1 – Você tem acesso ao uso do tablet na escola em que trabalha?

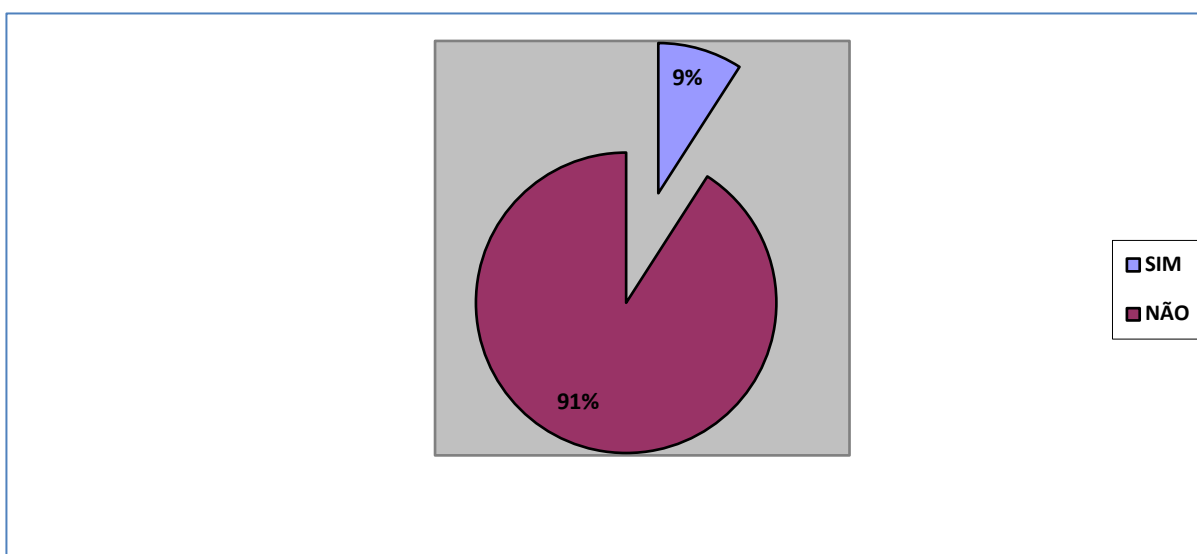
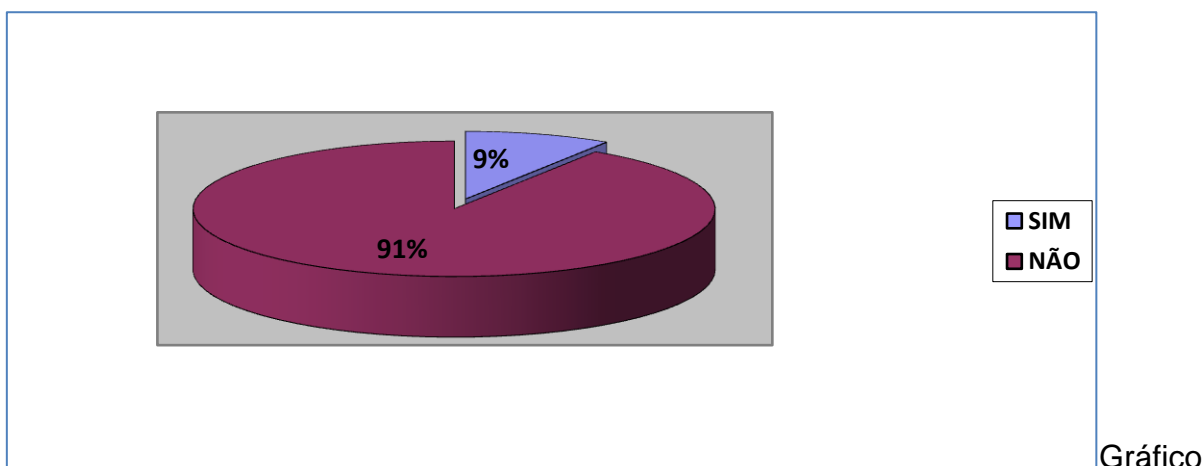


Gráfico1

Como podemos ver no gráfico dos 11 questionários aplicados na instituição apenas um respondeu que tem acesso ao uso do tablet na escola, o que dificultou bastante a elaboração desse trabalho. Pois com mais relatos do uso do tablet poderíamos ter mais exemplos de experiências com o uso dessa ferramenta. Porém já era previsto que isso é uma realidade da IE estudada. O questionário, segundo Gil (1999, p.128), pode ser definido "como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas,

tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”.

2- Você sabe usar os recursos Disponíveis em um tablet?



2

Já nesse gráfico podemos perceber que mais professores sabem usar os recursos disponíveis em um tablet, porém ainda é um número pequeno o que atrapalha bastante o trabalho feito com esse recurso. Se houvesse um investimento e maior interesse por parte da SEDF nesse trabalho, com certeza os professores se sentiriam mais motivados a trabalhar com esse recurso em suas aulas. Segundo Bianchi (2009, p. 4): a presença de tecnologias nas escolas, quando acontece se caracteriza pela utilização estreita, sem imaginação e instrumental, talvez pelo fascínio técnico que as tecnologias provocam ou, principalmente porque muitos professores não dominam as tecnologias nem sabem muito bem como as utilizar em situação de aprendizagem, para além do seu caráter técnico, portanto não se sentem preparados para usar as TICs. A sugestão é que fossem criados cursos de capacitação partindo da realidade dos professores para que os mesmos se sintam motivados a participar da capacitação como estudos de caso e planejamentos coletivos de acordo com suas vivências em sala de aula.

Trata-se de trabalhar com o corpo docente de uma determinada instituição, favorecendo processos coletivos de reflexão e intervenção na prática pedagógica

concreta, de oferecer espaços e tempos institucionalizados nesta perspectiva, de criar sistemas de incentivo à sistematização das práticas pedagógicas dos professores e à sua socialização, de ressituar o trabalho de supervisão/orientação pedagógica nessa perspectiva. Parte-se das necessidades reais dos professores, dos problemas do seu dia a dia e favorece-se processos de pesquisa – ação (CANDAU, 1997, p. 58).

3- Você usa o tablet no contexto de suas aulas?

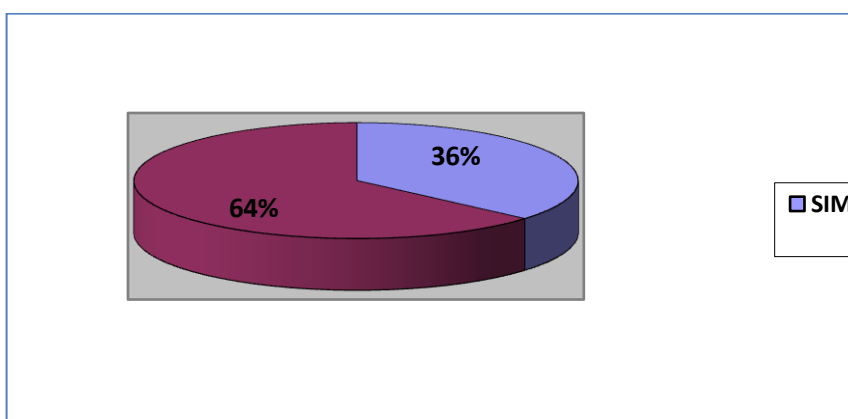


Gráfico 3

Como é possível verificar, de acordo com o gráfico acima, a maioria dos professores não utiliza o tablet em suas aulas.

Para atender a diferença na sala de aula devemos flexibilizar as práticas pedagógicas. Os objetivos e estratégias de metodologias não são inócuos: todos se baseiam em concepções e modelos de aprendizagem. Assim, se não propormos abordagens diferentes ao processo de aprendizagem acabaremos criando desigualdades para muitos alunos. (RODRIGUES, 2006, p.305-306).

4- A questão de número quatro é discursiva onde o professor que utiliza o tablet em suas aulas tem que descrever o tempo que ele dedica a esse trabalho com seus estudantes em sala de aula. Dos quatro que responderam que usam as respostas foram as seguintes:

“Uns cinquenta minutos”

“De dez a quinze minutos diários (três vezes na semana mais ou menos)”

“Cerca de trinta minutos a uma hora”

“Os alunos não tem acesso ao tablete pois não possui aplicativos que ajudem na alfabetização”

Ressaltando que o uso dessa ferramenta sempre é disponibilizada pelos pais dos alunos ou pelos próprios professores que usam seus aparelhos com os estudantes, não existe investimento nenhum da SEDF nesse trabalho, porém ainda percebemos que muitos se esforçam para trabalhar com essa ferramenta o que causa algumas vezes problemas entre os próprios professores, porque os que não usam acabam achando que ninguém deveria usar para não causar comparações ou situações desagradáveis onde professores que não sabem utilizar tem que expor suas dificuldades.

Na visão de Gianolla, (2006, p. 55), “os sentimentos relacionados com o computador acontecem sob alguns aspectos principais: recusa, medo e sedução”. O professor se sente inseguro na medida em que precisa demonstrar suas dificuldades. Isto cria uma situação de dependência do outro. Portanto é preciso estar disposto a uma aprendizagem constante e disponível aos erros e acertos. A troca de experiências e o trabalho em grupo favorecem um aprendizado com autonomia.

5- A questão cinco pergunta como é utilizado esse recurso em sala de aula.

As respostas foram:

“Como recurso didático”

“Como ferramenta educativa, como reforço a comportamentos e como lazer.”

“Aplicativos educativos com aluno Transtorno Global do Desenvolvimento.”

“Para apresentar imagens na rodinha através de uma conversa informal com as crianças.” O restante não respondeu.

No caso de alunos autistas ter um reforçador como moeda de troca é muito bom, isso é ele é usado como reforço para comportamentos positivos do estudante. Podemos perceber que esse recurso é mais utilizado pelos professores que

trabalham em Classe Especial diretamente com alunos TGD. O autor (2010) afirma que processo de aprender é bastante complexo, envolve vários fatores: variáveis cognitivas, afetivas, sociais, econômicas e até políticas. O ensinar envolve também inúmeras variáveis e pode ser considerado como uma aprendizagem de construção permanente do conhecimento. A capacidade de aprender está presente em todos os indivíduos sendo que para alguns ocorre uma relativa dificuldade de assimilação e manutenção de seu conhecimento, ligando o processo de absorção daquilo que se quer aprender a fatores muito mais relevantes do que o simples fato de necessitar fixar aquilo que é ensinado. Assim entende-se que o processo de aprendizagem é desencadeado a partir da motivação, onde o mesmo se dá no interior do indivíduo, estando, entretanto, intimamente ligado às relações de troca que o mesmo estabelece com o meio em que vive. (p. 3)

6- Foi perguntado então, que tipos de aplicativos esses professores que utilizam o tablet utilizam em suas aulas. Respostas:

“Jogos e programas.”

“Aplicativos para estimular a leitura, escrita, coordenação motora...”

“For Kids, ABC Transports, LigLiglears, Escrever...”

“Não posso relatar, pois infelizmente não temos acesso a esse tipo de tecnologia.”

“Não tenho tablet.”

“Uso no computador Projeto Participar (UnB) e coelhinho sabido.”

“Projeto Participar no computador”

O restante deixou em branco essa questão.

Percebemos então que essa ferramenta é usada de diversas maneiras diferentes cabendo alertar que existem inúmeras formas de se aproveitar esse recurso.

O uso de tecnologia no ensino não deve se reduzir apenas à aplicação de técnicas por meio de máquinas ou apertando teclas e digitando textos, embora possa limitar-se a isso, caso não haja reflexão sobre a finalidade da utilização de recursos tecnológicos nas atividades de ensino”. (BETTEGA, 2005 p.17).

7- Quais dificuldades você enfrenta para encontrar e utilizar aplicativos de informática para serem usados em sala de aula? Respostas:

“Os aplicativos são pagos e a Secretaria de Educação não ajuda.”

“Não tenho dificuldade de encontrar e como os pais são bastante participativos, no sentido de contribuir financeiramente não há problemas.”

“Não tenho tablet.”

“Muitos aplicativos são usados as vezes de forma inadequado por falta de orientação técnica.”

“Em sala de aula ainda não usei.”

“Falta de orientação e disponibilidade.”

Como podemos perceber a maior dificuldade encontrada pelos professores é que esses aplicativos são na maioria comprados, e a secretaria de educação não disponibiliza recursos financeiros para esse fim, além de falta de treinamento, ou seja, cursos de formação fazendo com que os mesmos acabem investindo do seu próprio orçamento comprando aplicativos e buscando formação por fora.

Só haverá, porém, uso efetivo dessa tecnologia na escola se, professores, alunos, diretores de escolas, pais de alunos, fornecedores de hardware e software, prestadores de serviços, professores e pesquisadores universitários e governantes compreenderem os seus benefícios potenciais, mas também suas limitações. (PROINFO, 1997, p. 17).

8-Então foi questionado se a SEDF, contribui de alguma forma para intensificar o uso do tablet e sala de aula. Respostas: e todos foram unanimes em responder não. Ainda não existe nada voltado para esse trabalho, focando a inclusão e a alfabetização.

9-Foi perguntado se existe algum programa do governo no caso do GDF, sobre o uso de tecnologias, tablet em sala de aula. Respostas:

“Não tenho conhecimento.”

“Não”.

“Não sei.”

“Sim sei que tem alguma coisa voltada para o ensino médio, mas não conheço detalhes do programa, pois não foi passado para os professores.”

“Não sei”.

“Que eu tenha conhecimento no ensino fundamental não”.

“Eu particularmente não tenho conhecimento”.

“Sim existe, mais essa formação não chegou em nosso estabelecimento”.

“Não que eu saiba”.

Em 10 anos, todas as escolas públicas do país deverão disponibilizar computadores portáteis (tablets) a todos os estudantes matriculados a partir do 6ºano do ensino fundamental. A proposta foi aprovada nesta terça-feira (10) pela Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicações e Informática, do Senado. O PLS 109/2013 propõe que até 2018, metade dos alunos já tenham um tablet à disposição.

A proposta do senador Cícero Lucena (PSDB-PR) também obriga as escolas a oferecerem acesso a internet e programas/aplicativos de natureza didática, inclusive para alunos com necessidades especiais, além da capacitação dos professores.

O projeto ainda está em discussão e recebeu duas emendas do senador Cristovão Buarque (PDT-DF): para que os equipamentos só podem ser entregues após a capacitação dos professores e que a União precise mensurar periodicamente o efeito deste recurso na aprendizagem dos alunos.

O projeto segue para a Comissão da Educação, na mesma Casa. (Com informações da Agência Senado).

Com certeza seria muito bem vindo um programa desses para professores alfabetizadores, facilitaria muito todo o processo de inclusão e alfabetização.

10- Para finalizar foi pedido para que relatassem alguma experiência como uso do tablet em sala de aula. Aqui estão os relatos:

“Mudanças positivas em relação a comportamentos atitudes apropriadas quando usado como reforço, estímulo de leitura e escrita quando usado como ferramenta pedagógica.”

“O meu aluno com TGD estamos estabelecendo uma rotina com ele, entre as atitudes está o uso do tablet, como ele gosta muito estamos tentando usa-lo para supris agressões, ou seja, uma moeda de troca também.”

“Não tem nenhuma.”

“Com ajuda de colegas que possuem o tablet vivenciei o uso com bastante entusiasmo pois percebi que o aluno se envolveu na atividade proposta de forma admirável.”

“Não tive ainda.”

“Impossível, não tenho acesso a tabet para trabalhar em sala de aula”.

“Minha sala não tem acesso a internet, portanto não tem como fazer pesquisa. Eu só uso o tablet para mostrar fotos e vídeos previamente baixados”.

Segundo Moran (2009), um dos grandes desafios para o educador é ajudar a tomar a informação significativa, a escolher os dados verdadeiramente importantes entre tantas possibilidades, a compreendê-las de forma cada vez mais abrangente e profunda e as torná-las parte do referencial. A utilização das tecnologias abre novas possibilidades para que professores e alunos possam superar barreiras físicas, colocando o mundo mais acessível à ponta dos dedos.

Apenas experiências positivas como mudança de comportamentos por parte dos alunos quando o mesmo é usado como um reforçador. Estimulador quando usado como ferramenta pedagógica, estimulando a leitura e a escrita. Na parte da comunicação uma ferramenta muito útil, pois pode ser usado como um sistema de comunicação alternativa o que proporciona a qualidade de vida dessas crianças, facilitando a interação delas com o restante do mundo.

Observações: As observações foram realizadas de forma sistemática e planejadas de acordo com a individualidade do estudante observado.

Foi realizado um planejamento com a professora regente da turma, onde foi abordado o conteúdo trabalhado, como o reconhecimento das consoantes e associação das letras as palavras e figuras. Foram escolhidos aplicativos voltados para esses conteúdos, no caso alfabetização. Ficou definido o uso do tablet com os alunos TGD durante meia hora após o momento da rodinha, com a monitora. Foram

realizadas atividades de pareamento de figuras e letras com os estudantes, sendo depois estimulada a escrita das letras com os alunos fazendo cópia do tablet.

O ambiente em que foi realizada a observação foi na sala de aula da turma de primeiro ano integração inversa, composta de dezessete alunos sendo dois TGD. É uma sala com muitos estímulos e com uma diversidade sócio cultural muito grande onde as realidades dos estudantes são muito diferente além de seus níveis de alfabetização serem muito variados, o que requer da professora um empenho muito grande pois ela precisa elaborar planejamentos individualizados para seus alunos. Segundo Bolzan (2005), que as salas sejam ricas em elementos alfabetizadores orais e escritos, onde o professor pode expor relatos de passeios, leitura de obras, entre outros. Assim, as crianças mergulhadas em um ambiente alfabetizador, conseguem perceber mais cedo que estão inseridas em um mundo escrito, que precisarão posteriormente compreender. Já para os alunos TGD esses estímulos não são muito recomendáveis, pois gera uma dispersão por parte deles.

A professora então abordava o conteúdo da maneira em que ela estava acostumada a trabalhar de forma expositiva para os estudantes, mostrando no quadro, e através de figuras. Percebe-se que o aluno TGD quando a professora fala não presta muita atenção na explicação, querendo levantar da cadeira e muitas vezes ficando até irritado com a situação, necessitando de intervenções constantes, o que não ocorre somente com ele, alguns alunos também demonstram tal comportamento na hora da explicação, dificultando o trabalho da professora. Ela tenta conduzir da melhor forma, mais é muito complicado principalmente nos momentos em que a monitora não está presente. Quando a professora mostra as figuras percebo que eles focam mais a atenção participando mais da explicação. Já o aluno TGD dispersa-se com facilidade, prestando atenção somente na figuras de seu interesse continua querendo levantar e manusear objetos que estão a seu alcance, como jogos que ficam guardados em uma estante na sala.

Em um segundo momento, na hora em que a professora aplica as atividades escritas para as demais crianças, foi proposto a ela que usasse o tablet para trabalhar com o aluno TGD com aplicativos escolhidos para esse conteúdo, com figuras bem coloridas, letras grandes e sons, tudo para chamar bastante a atenção do estudante estimulando a ele a participar da atividade.

Quando é oferecido o tablet para o estudante, ele quer ficar com ele sem deixar que a professora direcione a atividade, ele quer apenas aplicativos que gosta, a professora tem dificuldade em conduzir a situação. A todo o momento, o estudante aperta a tecla para voltar para a tela inicial do tablet, onde aparecem os aplicativos que ele gosta.

Então é sugerido que a professora faça um acordo com ele mostrando que depois que se ele fizer uma atividade direcionada, ela deixa ele fazer uma da vontade dele, e assim por diante. Quando o estudante estabeleceu confiança nesse acordo, o que não foi rápido, a professora conseguiu que ele fizesse de forma participativa a atividade proposta no aplicativo selecionado, prendendo a atenção dele, praticando a autonomia, ou seja, ele conseguiu executar a atividade em alguns momentos sozinho, estimulou a oralidade, pois o estudante muitas vezes tentou imitar os sons emitidos pelo aplicativo, aumentou o seu tempo de concentração e tolerância a atividade, trabalhou a coordenação motora, pois o estudante tinha que reproduzir as letras com o dedinho o que mais pra frente pode ser repassado para o papel.

Agora um fator que precisa ser revisto é a forma de conduzir a situação do uso do aparelho, pois o restante da turma fica sem o tablet o que gera questionamentos pelos demais estudantes, que também querem usar ou ver o que está sendo proposto ao aluno TGD. Essa ferramenta precisa ser usada como algo que proporcione essa interação entre Turma – estudante TGD; estudante TGD-Turma.

CONCLUSÃO

O objetivo desse trabalho foi elaborar um planejamento onde o professor da Classe de Integração Inversa utilizasse o tablet como uma ferramenta facilitadora no processo de inclusão e alfabetização de alunos autistas, além de identificar as tecnologias que estão disponíveis para serem utilizadas no contexto da escola. Falamos sobre a inclusão e diferenciamos inclusão de educação inclusiva, vimos como existe um trabalho diferenciado no DF para o atendimento desses estudantes, como classes de integração inversa e classes especiais, descrevemos o que é o autismo, a tecnologia da informação e como ela pode nos auxiliar no processo de inclusão e alfabetização.

Durante as observações foi verificado que é muito valiosa essa ferramenta porém é preciso recursos e adaptação do meio a ser utilizado.

Existe uma necessidade de recursos financeiros para que seja disponibilizado um aparelho tablet para cada estudante da turma, e para que seja comprados os aplicativos necessários para o processo de alfabetização. Depois é necessário a capacitação da professora regente, para que possa saber como usar essa ferramenta a seu favor tanto na alfabetização como no processo de inclusão. Ela precisa introduzir essa ferramenta em sua rotina diária, reforçando conteúdos, aumentando o tempo de concentração, trabalhando coordenação motora, a oralidade além de reforçar comportamentos positivos. Para o aluno TGD a aula tem mais significado com o uso do tablet.

Na turma que foi feita a observação e aplicação da pesquisa a professora se mostrou bastante aberta e disposta a mudanças, se prontificando inclusive a fazer parte de um projeto piloto se for o caso, porém os demais professores que responderam o questionário não foram tão dispostos assim, aparentaram certa resistência a se adequarem a um processo como esse, foi a parte mais difícil da pesquisa pois inicialmente se recusaram a responder achando que estariam sendo avaliados em seu trabalho, depois de muita explicação e debate foi se quebrando essa resistência, para isso seria necessário um trabalho de conscientização de todos mostrando que realmente vale a pena. Um trabalho de motivação e de

demonstração que a inclusão pode dar certo e que se usarmos as ferramentas certas da certo.

Já no trabalho com os alunos, no primeiro momento foi um pouco complicado, até se estabelecer uma relação de confiança entre o estudante e a professora, depois de estabelecido essa confiança podemos ver o quanto o aluno TGD se mostrou mais motivado, permanecendo por mais tempo concentrado em suas atividades resistindo menos ao que lhe era proposto. O restante da turma não participou usando a ferramenta, pois não tínhamos um para cada estudante mais percebemos que o aluno TGD estando mais concentrado ele não tira a concentração do restante dos estudantes, pois diminuem as birras e os momentos em que ele fica em pé, facilitando a concentração da turma como um todo.

Portanto, se faz necessário que o professor conheça o aluno e as suas limitações, faça uma adequação curricular, de maneira que este aluno especial possa ter acesso ao conteúdo de uma forma diferenciada e com significado para ele. O trabalho precisa ser conjunto envolvendo toda a turma acolhedora desse aluno, para que nenhuma das partes se sinta privilegiada ou abandonada. A sala de recursos também precisa estar participando desse trabalho, nos momentos em que o aluno faz as atividades lá deve-se usar o aparelho mostrando as regras para o uso ou seja os acordos para que quando o aluno use em sala de aula ele já saiba como funciona, resistindo menos nos momentos em que estiver com a professora.

A equipe gestora precisa envolver-se diretamente nesse processo, seja angariando recursos, promovendo debates sobre o tema, avaliando as dificuldades, seja em parceria do professor, com coordenadores e equipe pedagógica.

Projetos políticos precisam ter um olhar voltado para o acesso s tecnologias, para a capacitação de professores no âmbito das tecnologias, para recursos voltados para isso. É preciso gestores com um olhar inclusivo. A inclusão pode dar certo desde que se acredite nela e se tenha o apoio necessário para isso.

REFERÊNCIAS

- AUTISMO (disponível em <http://www.ama.org.br/site/404.html>)
- Bastos. M. B. (2005) Inclusão escolar: inclusão de professores? In Colli, F.A.G. (org.) **Transversais inclusão escolar a experiência do grupo ponte Pré-escola Terapêutica Lugar de Vida**. (pp.133-147) São Paulo: Casa do Psicólogo.
- BOLZAN, Doris Pires Vargas. Alfabetização: Refletindo sobre o que a criança pensa a respeito de ler e escrever. Revista do professor/84. Out a Dez, 2005. Ano XXI. Disponível em: <http://www.revistadoprofessor.com.br/system/biblioteca/materiais/alfab.pdf> acesso em junho 2014
- BIANCHI, P. **Relato de Experiência em Mídia Educação**(Física) com Professores da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis/Sc. In: XVI CONBRACE (Salvador/2009).
- BETTEGA, Maria Helena Silva. **A educação continuada na era digital**. São Paulo: Cortez, 2005, p.17.
- BRASIL, **Secretaria de Educação a Distância**. (1997) Programa Nacional de Informática na Educação - Proinfo(diretrizes. Brasília: MEEC/SEED.
- CANDAU, V. M. Magistério: **construção cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1997
- CRUZ, Tadeu. **Sistemas de informações gerenciais: tecnologia da informação e a empresa do século XXI**. São Paulo: Atlas, 1998.
- DAMASCENO e Filho, **atecnologia torna a vida mais fácil...** Na óptica de Schlünzen (apud Souza et al, 2005, p. 1) ... Damasceno e Filho, (2002, p. 1).
- ESTRELA, T., Esteve, M. & Rodrigues, A. (2002). **Síntese da investigação sobre formação inicial de professores em Portugal**. Porto: Porto Editora, INAFOP, Caderno de Formação de Professores.
- FERREIRA, Liliana S. **Educação, paradigmas e tendências: por uma prática educativa alicerçada na reflexão**. OEI – Revista Iberoamericana de Educación disponível em: www.rieou.org/deloslectores/417Soares.pdf Acesso em: junho de 2014.
- GIANOLLA, Raquel Miranda. **Informática na educação: representações sociais docotidiano**. São Paulo, Cortez, 2006.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999._____. Projetos de pesquisa. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

GRINKER, Roy Richard. **Autismo: um mundo obscuro e conturbado**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2010.

<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf> acesso: junho de 2014

<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>: acesso junho de 2014

http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/legis/estrateg_matric_2013.pdf
acesso: junho de 2014

MASETTO, M. T. **Mediação pedagógica e o uso da tecnologia**. In: MORAN, José Manuel., MASETTO, Marcos T., BEHRENS, Marilda Aparecida. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas, SP: Papirus, 2006. p.133-173.

MENDES, S. R. **A Formação Continuada de Professores e o Desafio de Romper com os Modelos Padronizados**. 25^o Reunião da ANPED, 2002. GT 8. Disponível em www.anped.org.br. Acesso em 15/11/2006.

MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente**. Campinas-SP: Papirus, 2002.

MORAN, Manuel José; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 16. ed. Campinas: Papirus, 2009, p. 12-17.

RODRIGUES, D. **Dez idéias (mal) feitas sobre a educação inclusiva**. In: RODRIGUES, D (org.). **Inclusão e educação: Doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, pp.299-318, 2006.

APÊNDICE

Responsável pela pesquisa: Andreia Nascimento

Professor monitor-orientador: Elias Batista dos Santos

Prezado (a) professor(a),

O presente questionário tem por objetivo o levantamento de dados para pesquisa referente ao uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TCIs), como aliados no processo de ensino e aprendizagem de alunos das séries iniciais do ensino fundamental e elaboração de Monografia para o curso de especialização em Gestão Escolar da Universidade de Brasília – UnB.

Conto com sua colaboração e solicito a gentileza de responder às questões de forma clara e objetiva. Ao responder você está autorizando o uso de suas respostas no âmbito dessa pesquisa.

Muito Obrigada!

Disciplina:

Ano/ série que atua:

Quanto tempo que atua nessa série/ano?

Você apoia o uso de tecnologias em sala de aula? Por quê?

1) Você tem acesso ao uso de tablet na escola em que trabalha?

Sim()

NÃO()

2) Você sabe usar os recursos disponíveis em um tablet?

Sim()

NÃO()

3) Você usa o tablet no contexto de suas aulas?

Sim()

NÃO()

4) Se você o usa tablet em sala de aula, quanto tempo você dedica ao uso dele com os alunos em sala de aula?

5) Como você utiliza o tablet em sala de aula?

6) Que tipos de aplicativos voltados para alfabetização você utiliza em suas aulas?

7) Quais dificuldades você enfrenta para encontrar e utilizar aplicativos de informática para serem usados em sala de aula?

8) A SEEDF contribui de alguma para intensificar o uso de tablets em sala de aula?

9) Existe algum programa, disponibilizado pelo GDF, sobre o uso de tecnologias, tablet, em sala de aula?

10) Relate alguma experiência que você teve com o uso do tablet em sala de aula.
